

A (RE)LEGITIMAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER ENTRE GÊNEROS EM LANTERNAS VERMELHAS: ENTRE ESPOSAS E CONCUBINAS O PATRIARCADO É O SENHOR

THE (RE)LEGITIMATION OF POWER RELATIONSHIPS
BETWEEN GENDER IN RED LANTERNS: BETWEEN WIVES
AND CONCUBINES THE PATRIARCHY IS THE LORD

IZABELA LOPES JAMAR

Especialista em Direito Penal e Processo Penal (ATAME/Brasília). Especialista em Sistema de Justiça Criminal (UFSC).
Lattes: : <http://lattes.cnpq.br/2592224885355066>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4023-0145>
E-mail: izajamar@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de demonstrar os vértices da violência de gênero baseado no filme *Lanternas Vermelhas*. Nesse estudo procuramos compor o problema através da análise de diversos fatores que influenciam diretamente a violência contra a mulher e as relações de poder nas quais estão envolvidos três esposas e o marido. Trata-se de uma pesquisa que utiliza a abordagem qualitativa, com método documental/bibliográfico da obra de Heleieth Saffioti e da análise crítico-cinematográfica do filme citado feita através da etnografia de tela, que descreve a complexidade das relações de poder entre os gêneros. A estética cinematográfica permitiu-nos verificar a existência da assimetria entre os homens e mulheres, a divisão rígida entre o público e o privado e a submissão das mulheres frente ao poderio do “senhor”. Restou evidente as consequências emocionais e sociais que advém para as personagens, estabelecendo-se por fim, um paralelo com a realidade de uma quantidade significativa de relacionamentos conjugais na sociedade moderna.

Palavras-chave: Gênero. Cinema. *Lanternas Vermelhas*. Relações de poder. Violências

Abstract: This article aims to demonstrate the vertices of gender violence based on the film *Red Lanterns*. In this study we sought to compose the problem through the analysis of several factors that directly influence violence against women and the power relations in which three wives and the husband are involved. This is research that uses a qualitative approach, with a documentary/bibliographic method and critical-cinematic analysis in order to describe the complexity of a given problem and analyze the interaction of certain variables in relation to the object under study. The devaluation of women as a feminine identity and the belief in their sexual and intellectual inferiority result, consequently, from a definition of socially assigned functions and roles, establishing the dichotomies of man/woman, strong/weak, rational/emotional, public/private, all of this has a framework in patriarchy. Cinematic aesthetics allowed us to verify the existence of asymmetry between genders, the rigid division between public and private and the submission of women to the power of the “lord”. The emotional and social consequences that come to the characters became evident, ultimately establishing a parallel with the reality of a significant number of marital relationships in modern society.

Keywords: Genre. Cinema. *Red Lanterns*. Power relations. Violence

Introdução

A criação social dos gêneros se tornou um fator de separação e reforço das diferenças e desigualdades, atribuindo à mulher os papéis de esposa, mãe, organizadora do lar, além do frágil e sentimental e, ao homem, o de provedor, trabalhador destinado ao espaço público, forte, racional. A dicotomia masculino/feminino legitima uma série de outras dicotomias como forte/fraco, ativo/passivo, racional/emotivo e reforça as diferenças do instrumental simbólico que é o gênero.

Nesse estudo procuramos compor o problema através da análise de diversos fatores que influenciam diretamente a violência contra a mulher e pela etnografia de tela do filme *Lanternas Vermelhas*, produção de 1991, dirigida pelo chinês Zhang Yimou, acreditando que a obra nos servirá de emblema para que possamos refletir sobre as relações de gênero. A história é baseada no livro *Esposas e Concubinas*, de Su Tong, ambientada na China, nos anos 1920. A análise descrita nesse trabalho demonstrou a criação e definição nos papéis de gênero, as relações de poder e dominação entre homens e mulheres e a relegitimação das ideologias do patriarcado. Assim, esta pesquisa mostra-se relevante por sintetizar seus principais pensamentos sobre o assunto, respondendo-se à seguinte pergunta de pesquisa: como se dá as relações de poder entre gêneros e os valores patriarcalistas no filme *Lanternas Vermelhas*?

A distribuição de papéis atribuídos às mulheres e aos homens se revela na estrutura familiar, assim como nos mecanismos de controle e tutela social, ainda mais quando este se torna um reflexo das aspirações da sociedade e determinação de comportamentos.

O gênero pressupõe a existência do masculino e do feminino designando categorias sociais: uma integrada por homens e outra composta por mulheres. O gênero é ainda um processo de representação da realidade socialmente construída. Dentro dessa concepção dos papéis do masculino e feminino uma ordem social se instaurou e a lei que passou a presidir as relações humanas é o do pai na maioria das sociedades.

Partindo-se de determinados conceitos, definimos na primeira parte do trabalho as interfaces da violência de gênero, como ela se apresenta suas dinâmicas e formas. Deve ser considerado ainda que a violência contra a mulher ocorre dentro das relações intra-familiares..

Na segunda parte do trabalho, fazemos uma análise do filme e como ele reproduz todas as violências, desde a psicológica até o feminicídio, como reafirmação do poder do homem sobre a mulher, como as esposas e concubinas reproduzem e relegitimam o poder patriarcal entre si, e como o espaço doméstico, como sendo o espaço da mulher se converte em espaço privado tendo o domicílio como *locus* privilegiado para todas as violências. Ao final, apontamos, nas considerações finais, o entrelaçamento entre a teoria da autora e vivência do filme.

A dinâmica da violência de gênero: a (re)produção das relações do poder patriarcal

A sociedade se estrutura sobre três eixos principais: gênero, raça/etnia e classe social. É certo que se entrelaçam não permitindo análises distintas, porém o momento histórico é que vai determinar qual dessas categorias estará em voga. O gênero pressupõe a existência do masculino e do feminino designando categorias sociais: uma integrada por homens e outra composta por mulheres.

Podemos dizer que o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e gênero é uma maneira primordial de significar relações de poder. (Safiotti: 1999, pág. 143)

O gênero é ainda uma categoria imposta e tem origens exclusivamente sociais, resulta de construções sociais fruto de uma interpretação do papel atribuído aos sexos e das diferenças sexuais. O gênero é ainda um processo de representação da realidade socialmente construída.

Dentro desse contexto das relações de gênero, não se pode admitir um poder absolutamente masculino. O contingente feminino também participa das relações de poder, impondo ora em maior, ora em menor escala suas força e vontade. Todavia, o gênero, assim como a classe e a raça/etnia, faz parte de um discurso com interesses inconciliáveis e antagônicos.

Sendo o gênero um processo de representação, homens e mulheres atuam dentro de determinado espaço, representando papéis próprios, dentro de vários discursos e ainda reforçando as dicotomias histórico-culturais atribuídas aos sexos (forte/fraco, emocional/racional, privado/público).

Dentro dessa concepção dos papéis do masculino e feminino uma ordem social se instaurou e a lei que passou a presidir as relações humanas é o do pai na maioria das sociedades. Se temos o poder do homem, pois quem faz a lei não precisa obedecê-la, se as regras elaboradas pelo homem devem ser obedecidas pelas mulheres, não há, pois como negar a ordem patriarcal iniciando-se aí um processo de transgressão do feminino quando as mulheres começam a ocupar os espaços antes destinados aos homens e ainda lutam pelo exercício do poder querendo levar os seus valores e suas vivências.

Os estudos histórico-antropológico tem se encarregado de demonstrar que as mulheres, salvo raríssimas exceções, são consideradas *“cidadãs de segunda classe no mundo dos homens”* (Azevedo:1985, pág. 46). A maioria das experiências sociais demonstram que as mulheres são seres inferiores sob o ponto de vista biológico e que sua existência esta interligada à existência masculina, reduzindo a condição feminina de *seres para e dos homens*, tornando a existência feminina relativa, dependente e privada de autonomia.

É a partir dessa dinâmica da conformidade com os papéis atribuídos aos sexos e com a condição de inferioridade em relação ao sexo masculino que se instaura a primeiro vértice da violência de gênero: a forma como se organizam as relações entre homens e mulheres dentro da sociedade.

Essa violência se apresenta de inúmeras formas desde as mais sutis, como a ironia, até o homicídio. A violência contra a mulher integra, de forma íntima, a organização social do gênero nas sociedades.

Dentro do universo semântico, a palavra violência pode adotar dois níveis de discurso sobre a questão da violência contra a mulher : o discurso erudito e o senso comum. O primeiro, concebe a violência como sendo um processo que permeia o sistema, um estado da sociedade. O segundo, o senso comum concebe a violência como “briga, agressão ou conflito visualizando dois seres em luta ou ação física ou ainda como sendo um resultante entre fortes e fracos”. (Op.Cit: 1999, pág. 16)

Pode ainda a violência significar condições que privam, exploram e oprimem os outros e que, conseqüentemente, obstruem seu desenvolvimento. Esses atos podem ocorrer a nível interpessoal, institucional e societário. No nível interpessoal, o qual abordaremos ao longo deste trabalho, os indivíduos podem agir violentamente uns para com os outros, usando meios físicos e psicológicos. (Op cit: 1999, pág. 17)

É evidente que essa violência interpessoal resulta de uma violência estrutural, que seriam as violências institucional e societária, e podemos denominá-la ainda de violência pessoal sendo esta violência um reforço, uma reprodução da violência estrutural.

A violência interpessoal também é tida como um fenômeno de várias determinações que sofre a influência de inúmeros fatores que não podem ser ignorados para que seja compreendido em sua plenitude. Definiremos violência como sendo, ainda, uma relação de força, de dominação de um pólo e pela coisificação do outro, pela exploração e opressão.

É necessário definir o campo semântico do conceito de violência contra a mulher, como sendo a expressão maior da violência de gênero, e como forma específica de violência interpessoal perpetrada pelo homem contra a mulher. No entender de Maria Amélia de Azevedo:

A violência pode ser perpetrada como um fim em si (violência expressiva) ou como mecanismo para forçar a mulher a submeter-se às imposições do homem (violência instrumental). A violência expressiva geralmente constitui o que denominamos abuso sexual. A violência instrumental costuma abranger o que conhecemos como abuso físico – ou espancamento de mulheres- e abuso psicológico – ou perversa doçura, embora esses também possam ser exercidos com um fim em si. (Op.cit: 1999, pág. 19.)

Assim, podemos concluir que a violência contra a mulher é uma violação de sua liberdade, de sua integridade, é uma agressão ao ser humano mulher. Decorre de um conflito de interesse entre o homem (agente/agressor) e a mulher (vítima/agredida).

A violência contra a mulher integra assim, a organização social do gênero dentro das sociedades. Os atos violentos ainda se caracterizam como expressão do patriarcado. Dessa forma, as relações entre homens e mulheres se tornam relações antagônicas de poder e essa ideologia acaba legitimando um discurso de dominação e de subordinação.

Para Heleieth I.B. Saffioti:

Através da inversão provocada pela ideologia de gênero e de violências factuais nos campos emocional, físico e sexual, a mulher aparece como consentindo com sua subordinação, enquanto categoria social, a uma outra categoria social constituída por homens. O problema, portanto, não se põe ao nível do indivíduo, mas de toda uma categoria de gênero. O consentimento não representa senão a aparência do fenômeno, na medida em que a consciência das dominadas é distinta da consciência dos dominantes. Esta assimetria não autoriza nenhum cientista a falar em consentimento das mulheres com sua dominação pelos homens. As duas categorias de gênero falam a partir de posições hierárquicas e antagônicas, ao passo que o conceito de consentimento presume que os co-partícipes falem a partir da mesma posição ou de posições iguais. Portadoras de uma consciência de dominação, as mulheres não possuem conhecimento para decidir: elas cedem diante das ameaças de violências concretas” (Saffioti, Heleieth I.B; Munhoz-Vargas: 1994, pág.155/156.)

O patriarcado, que tem relação com os modos de produção mais conhecidos (escravocrata, feudal e capitalista) é também tido como célula-mater da sociedade e tem se reafirmado ao longo da história e da tradição judaico-cristã. (Op cit: 1985, pág. 57)

O patriarcado pode ser definido como sendo um fundamento da família nuclear que, por sua vez, é uma instituição natural, tendo por princípios a monogamia, a fragilidade do sexo feminino, a reprodução para garantia de determinados modos de produção e a permanência do matrimônio, no que diz respeito à durabilidade da união e a harmonia. Todas essas características se revelam como fonte de dominação dentro da ideologia patriarcal.

Para Maria Amélia de Azevedo,

A família patriarcal é o locus privilegiado de dominação de um sexo sobre o outro e de uma geração sobre outra. É uma instituição androcêntrica e adultocêntrica assentada num padrão hierárquico de relações inter-sexuais e intergeracionais que exige submissão e obediência da mulher e filhos ao dono da casa, de quem são aliás, propriedade com direito de exclusividade.” (Op.cit, pág. 58)

Assim, o patriarcado se revela como sendo uma ideologia conflitiva tendo em vista que um jogo de interesses entre os sexos se desenvolverá e a solução desses conflitos e interesses antagônicos se dará por meio da dominação oculta (violência simbólica) ou explícita (violência física).

Portanto, diante da socialização das mulheres e da definição e atribuição de seus papéis (mãe, reprodutora, frágil, vítima), eis que a violência enquanto modalidade material de controle social e da repressão exercida através de formas “ideacionais” de socialização (Op Cit. Pág.154), melhor dizendo domesticação das mulheres, podemos afirmar seguramente que a violência física contra a mulher é um desdobramento da violência patriarcal.)

Deve ser considerado ainda, que é dentro das relações intra-familiares que se exerce a violência contra a mulher como forma de reafirmação do poder do homem e do controle social em razão da delimitação do espaço privado como sendo o espaço da mulher, que se converte em

espaço doméstico, tendo o domicílio como *locus* privilegiado.

Assim, como o espaço público é eminentemente masculino e o espaço privado ou doméstico é destinado sócio-culturalmente às mulheres, apesar da emancipação feminina, das conquistas sociais, da crescente participação no mercado de trabalho, da revolução sexual, da luta pelo reconhecimento como pessoa humana, e como elas continuam circunscritas ao meio familiar, este espaço será o palco para as mais variadas formas de violência que, em via de regra, são cometidos por maridos, namorados, companheiros, pais, padrastos, irmãos, primos e até amantes.

Segundo Marlise Vinagre Silva:

No caso de violência física contra a mulher, esta nada mais é do que a materialização exacerbada de uma situação de violência anterior constituinte da relação entre os sexos. A relação entre homens e mulheres se fundamenta no controle mútuo, mecanismo necessário à preservação de felicidade, no ciúme, que sustenta a idéia da posse (inclusive do corpo da mulher), na autoridade que garante a supremacia masculina, e que é reforçada pela própria mulher, quando, por exemplo, na condição de mãe, invoca a autoridade do companheiro, quando se trata de corrigir os filhos. (Silva: 1992, pág. 66.)

O fenômeno da violência de gênero ultrapassa as fronteiras de classe social e de raça/etnia. É evidente que as camadas menos favorecidas da sociedade estão mais expostas e representam a maioria esmagadora das ocorrências nas delegacias. O que não quer dizer que as mulheres das camadas mais abastadas não sofram violência. O que ocorre, na verdade, é uma ocultação da violência doméstica em virtude do status social, político, econômico e da disposição de recursos a fim de manipular os dados estatísticos.

A violência contra a mulher deriva de relações de gênero de caráter hierárquico, dado que violência pressupõe opressão, subordinação, dominação. Parte de um conflito de interesses entre opressores e oprimidos. É um desdobramento das relações sociais hierárquicas de dominância e subalternidade.

Na verdade, a violência de gênero contra a mulher é de natureza específica que demonstra a participação desigual e diferenciada de homens e mulheres na sociedade, é uma decorrência dos papéis sociais atribuídos a homens (público, forte, provedor) e mulheres (privado, frágil, reprodutora) que legitima as relações de poder entre os sexos (re)legitima as desigualdades e impõe um padrão relacional sexual hierárquico.

Gênero, cinema, esposas e concubinas: as relações de poder patriarcalistas em Lanternas Vermelhas

O cinema sempre se dispôs a apresentar temas complexos da sociedade. Muitas vezes, ele se aliou à Literatura para se inspirar e criar filmes que se tornaram inesquecíveis na história da humanidade moderna. Tanto o cinema quanto a literatura são duas formas de expressão artísticas distintas, mas que sempre tiveram, ao longo dos anos, uma relação bastante interligada, influenciando-se, sendo base de inspiração mútua e promovendo formas diversas de contar uma história, ou provocar alguma reflexão, ou emoção nos indivíduos.

Foi esse encontro que consagrou tanto a obra do escritor Tong Zhonggui, mais conhecido como Su Tong, e do cineasta Zhang Yimou. A partir da obra premiada de Su Tong “Wives and Concubines” (Esposas e Concubinas – 1990), ainda não traduzida para o português, que Zhang Yimou a realizou um de seus maiores trabalhos “Raise The Red Latern” (Lanternas Vermelhas – 1991).¹

Su Tong, e Zhang Yimou acabaram por dividir o mesmo interesse de observar e pensar a sociedade chinesa através da perspectiva de seu público feminino e de mostrar uma sociedade semifeudal da década de 1920 na China e as relações decorrentes dentro do casamento onde

1 Idem; <https://www.planocritico.com/critica-lanternas-vermelhas/>

o marido, chamado de Senhor, se relacionava com suas esposas e concubinas e como elas se relacionavam entre si.

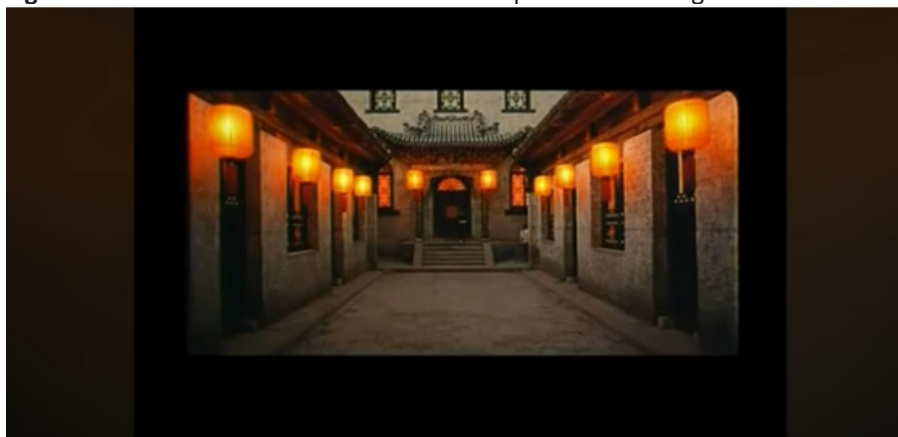
O cineasta inicia o filme com Songlian² (personagem principal) centralizada num diálogo com sua madrasta e, ao ser avisada por ela que se casar com um homem rico seria somente uma concubina, a filha responde: “não é este o destino de toda mulher?”. Essa frase de impacto já é o prenúncio do que está por vir. A partir disso, a história se desenrola dentro de relações complexas e de opressão.

Songlian é uma jovem estudante universitária de 19 anos que, após o falecimento de seu pai e da impossibilidade da família bancar seus estudos, acaba se casando com um homem rico referido apenas como “Senhor”. Ela foi obrigada a abandonar os estudos e a casar-se para salvar a família da falência financeira. Em termos aparentes, Songlian tem conhecimentos e impetuosidade suficientes para enfrentar a situação de opressão a que ela e as outras esposas estão submetidas.

Ela dispensa o transporte nupcial e a servidão dos trabalhadores da casa, pois ela chega carregando sua mala, já numa postura de independência e altivez, tenta se aproximar da empregada que lhe foi destinada, Yan’er, e quando anuncia ser a quarta esposa percebe a hostilidade por parte da mesma, que acreditava que seria promovida ao status de esposa, e a partir dali, Songlian passa a se relacionar com ela de forma assimétrica- dentro de uma relação de poder senhora- escrava.

O filme se inicia no Verão da China com Songlian se destinando à casa de seu futuro esposo. Logo que chega na casa, Songlian pergunta ao empregado que a recebeu o porquê de tantas lanternas vermelhas o que de pronto ele responde: “é pela sua chegada”. Então podemos perceber, ao longo do filme que aquelas lanternas vermelhas simbolizam um status conjugal dentro daquele ambiente cheio de esposas que vivem a disputar a atenção do Senhor.

Figura 1. Lanternas vermelhas na faixa dos aposentos de Songlian



Fonte: YIMOU, Zhang. (1991)

A arquitetura de um lugar diz tudo sobre ele. A casa do “Senhor” mais parece uma prisão onde ele mantém suas esposas e concubinas como prisioneiras das suas vontades, escravas dos seus desejos e serviços do seu bel prazer. A sua fala na noite de núpcias, logo no início do filme já define qual o sentido da esposa dentro do relacionamento : ela só serve para sua satisfação sexual e para ser objeto de seu prazer lascivo. “ Os pés de uma mulher são muito importantes. Quando estão confortáveis ela é saudável, é mais disposta a servir seu marido.”

As sociedades nunca foram igualitárias do ponto de vista do gênero. Geralmente, são marcadamente patriarcais e as diferenças existentes entre homens e mulheres são convertidas em desigualdades em detrimento do gênero feminino. Os estudos histórico-antropológico tem se encarregado de demonstrar que as mulheres, salvo raríssimas exceções, são consideradas “cidadãs de segunda classe no mundo dos homens”.

Durante o filme, outro fato que se torna relevante é a disputa entre as esposas pela atenção do “Senhor”. Songlian teve sua noite de núpcias interrompida pela terceira esposa, Meshian, pois

² Gong Li é a atriz que interpreta Songlian

segundo os empregados essa estaria doente, o que fez com que o Senhor largasse aquela e fosse passar a noite essa. Tudo gira em torno o “Senhor”! Às esposas era imposto que convivessem como irmãs, se tratassem como tal, que fossem cordiais, educadas, tudo para não desagradá-lo, para o bom andamento da casa e de suas funções.

As relações de parentesco é que determinam a estrutura familiar padrão definindo o papel da mulher de organizadora do lar, do seu papel natural na reprodução da espécie e no cuidado dos filhos gerenciadora do espaço privado, enquanto ao homem é destinado o espaço público. O fato de o universo feminino estar ligado intimamente ao universo masculino em função dependente colocou a mulher em desvantagem e acirrou as relações assimétricas e de poder entre gêneros, fazendo com que os homens tratassem as mulheres de forma inferior do ponto de vista sexual e intelectual, objetificando-as, assim como demonstrado no filme.

Para que consigam as lanternas em frente a sua casa, as mulheres, com exceção da primeira esposa, realizam ações no sentido de boicotar umas às outras, sempre visando a atenção do Senhor e os benefícios de uma noite com ele. Isso gera a rivalidade anteriormente citada, mas que ocorre somente por conta da imposição de tradições patriarcais. Passados de geração em geração, os costumes da família, que refletem os da sociedade chinesa da época, são tratados como o que há de mais importante e qualquer pessoa que se oponha a eles cairá em desonra absoluta. Essa organização secular, constantemente reverenciada pela família ao longo da obra cinematográfica, cria uma pressão gigante sobre Songlian e todas as outras esposas, que vêem sua sobrevivência atrelada àquilo. Por mais que pudessem detestar aquela situação, como poderiam viver após se tornarem financeiramente dependentes do patriarca?³

Exemplo disso é a utilização do conceito de dominação/ violência simbólica formulado por Bourdieu que Heleieth Saffioti se utiliza em alguns de seus textos sobre Violência de Gênero. Influenciado pelas correntes do pensamento pós-moderno no qual estava inserido (construindo e desconstruindo suas perspectivas), ao refletir sobre outras maneiras de pensar, Bourdieu defende um amplo questionamento de conceitos caros a seu campo como dominação masculina na qual se funda a divisão social do trabalho, na visão androcêntrica como a força da ordem masculina e as representações de dominação com que operamos e os usos que fazemos de sua construção.

No outono o filme tem um desenrolar que trata de várias camadas. Vamos tratar na ordem de inquietação a partir do toque da flauta. Numa certa manhã, Songlian ouve o tocar de uma flauta. Encantada pela música, ela procura saber quem é o flautista e descobre que é o filho de seu marido com a primeira esposa, Feipu. Ao chegar na torre onde o rapaz se encontrava, ele a interceptou com a seguinte pergunta: “è você a Songlian? A abordagem soou um tanto intimista e a incomodou, no que ela prontamente respondeu: “você não deveria me chamar pelo nome e sim de quarta senhora!” Assim que travaram esse pequeno diálogo, ele é interrompido pela matriarca, e sai correndo para atender sua mãe.

Assim que chega no quarto, Songlian vai procurar por sua flauta que herdou de seu pai. Não a encontrando chama Yan’er, acreditando que ela havia mexido em suas coisas, e pergunta a ela: “você viu uma flauta dentro da minha bagagem?” Yan’er responde o seguinte: “Flauta? Só homens tocam flautas. Esse diálogo reafirma a dicotomia dos papéis estabelecidos entre os gêneros, reforçando as dicotomias histórico-culturais atribuídas aos sexos(forte/fraco, emocional/racional, privado/público). Depois ela descobre que o Senhor havia queimado, acreditando que Songlian a havia ganhado a flauta de algum rapaz da faculdade para que ela não se dispersasse dos afazeres domésticos. Claramente uma violência patrimonial, definida nos dias atuais.

Diante dessa organização familiar, se estabelecem as posições, os interesses, o poder e as violências. As relações vão se pautar, sobretudo, nas posições estruturais e no interesse. A partir daí o domínio de uma categoria sobre a outra é inevitável na medida da força que essas utilizam para concretizarem seus interesses pelo poder. Trata-se então de um fenômeno mais forte que a dominação, qual seja a hegemonia. Assim, em se tratando da categoria gênero, não podemos perder de vista que os homens fazem parte de uma categoria hegemônica em relação às mulheres e que a violência resulta da relegitimação das relações de força e de poder.

É válido destacar também as questões de classe no filme. Enquanto vemos todas as esposas

3 RODRIGO PEREIRA. 21 de fevereiro de 2021. <https://www.planocritico.com/critica-lanternas-vermelhas/>
Acesso em 26 Fev 2024

submissas a figura do Senhor, que nunca tem seu rosto mostrado em detalhes justamente para não individualizar o opressor e demarcá-lo como a figura masculina em totalidade, também testemunhamos a opressão sofrida pela classe trabalhadora, representada por mulheres e homens serviçais. As mesmas mulheres que existem simplesmente para satisfazer ao Senhor, oprimem outras mulheres que não ocupam uma posição social mais alta. Ainda que fique em segundo plano, mostra que as opressões de classe encontram-se acima das de gênero, visto que as mulheres oprimidas com melhor colocação social também tinham poder para oprimir homens e mulheres socialmente inferiores.⁴

Dentro desse contexto das relações de gênero, não se pode admitir um poder absolutamente masculino. O contingente feminino também participa das relações de poder, impondo ora em maior, ora em menor escala suas força e vontade. Todavia, o gênero, assim como a classe e a raça/etnia, faz parte de um discurso com interesses inconciliáveis e antagônicos.

Meshian e Songlian estreitam uma relação de amizade a partir de um convite da terceira esposa para um jogo de *mahjong*⁵. No diálogo travado no dia do jogo, onde Meshian e Songlian jogavam com o médico da família e mais um amigo o médico, Dr. Gao diz: “Ela foi uma estrela, ninguém pode esquecer seu passado”. Nesse mesmo dia, Songlian descobre que Meshian tem um caso extra-conjugal com o médico e isso se torna um trunfo para ela.

A terceira esposa foi uma famosa cantora de ópera. Mesmo ela, uma artista bem sucedida, viu-se pressionada para se casar e, em seguida, impossibilitada de deixar aquela realidade caso assim desejasse. Sua vontade não tinha importância alguma, já que as intransigentes tradições já haviam determinado o papel feminino na sociedade muito antes dela nascer.⁶

Porém é no inverno que as violências põe termo à amizade, à cordialidade e mostra que quem não sabe jogar o jogo do poder sair perdendo. Songlian anunciou uma falsa gravidez para explorar ainda mais a sua serva Yan’er e se vingar da segunda esposa Zhuoyung, por ambas terem feito um Vudu(feitiço) para ela. Inclusive uma pausa para essa cena: uma das cenas mais impactantes a hora que Songlian descobre o boneco de Vudu no quarto de sua serviçal, ela a agride fisicamente a fim de descobrir quem teria escrito seu nome já que Yan’er era analfabeta. E para se vingar da segunda esposa, Songlian lhe corta um pedaço da orelha no momento em que estava lhe cortando os cabelos. Isso acirrou ainda mais a disputa entre Zhuoyung, Songlian e ainda fez com que Yan’er se tornasse uma aliada da segunda esposa, abrindo caminho para a catástrofe final, pois Yan’er descobriu que Songlian não estava grávida e contou para a segunda esposa, que chamou o médico da família e confirmou a falsa gravidez.

E é a partir daqui que as coisas começam a se degradingolar. Songlian num ataque de fúria revela para todos da casa que Yan’er mantinha lanternas vermelhas em seu quarto, uma deferência apenas dadas às esposas, por causa disso ela se põe numa situação de risco ficando no pátio da casa no frio do inverno chinês, contrai uma pneumonia e morre. e isso se acirrou durante todo o filme a situação de opressão que Yan’er sofreu a levou a morte. Uma cena emblemática que demonstra até que ponto a violência psicológica pode chegar.

No entender de Maria Amélia Azevedo: (1999, pág. 22)

Pode ainda a violência significar condições que privam, exploram e oprimem os outros e que, conseqüentemente, obstruem seu desenvolvimento. Esses atos podem ocorrer a nível interpessoal, institucional e societário. No nível interpessoal, os indivíduos podem agir violentamente uns para com os outros, usando meios físicos e psicológicos.

O inverno deprime, a opressão deprime, a hostilidade deprime. Songlian já dava sinais de que estava odiando aquele casamento, aquela família, aquele marido, ela já estava carregando a culpa pela morte de Yan’er, embora não quisesse assumir. Então resolveu beber no dia do seu aniversário e foi justamente nesse dia que acabou revelando o segredo da sua única amiga/irmã,

4 Idem; <https://www.planocritico.com/critica-lanternas-vermelhas/>

5 Mahjong (mah jongg, majiang, majongue, majong, ma-jong)[1] é um jogo de mesa de origem chinesa que foi exportado, a partir de 1920, para o resto do mundo e principalmente para o ocidente. É composto de 144 peças, chamadas comumente de “pedras”

6 Idem; <https://www.planocritico.com/critica-lanternas-vermelhas/>

Meshian, de que ela se encontrava com o médico. Entregou o galinheiro para a raposa, revelou justamente pra Zhuoyung, que rapidamente se prontificou a tirar a limpo o que ouviu e flagrou a terceira esposa em adultério. A segunda esposa providenciou o julgamento e a sentença de morte da terceira quando contou para o Senhor sobre o adultério, o qual a condena a morte.

Meshian é levada pelos guardas do palácio ao quarto da torre casa dos mortos, que era de conhecimento de Songlian, pois ela já tinha perguntado ao Senhor para que servia aquele quarto que ficava no telhado do da casa, tendo ele respondido que era o lugar onde algumas ancestrais haviam falecido. Songlian vai atrás seguindo para ver o que vai acontecer com a terceira esposa que vai sendo levada numa cena de violência, resistindo ao caminho da morte. Meshian é colocada dentro da casa dos mortos e passando-se uns minutos, Songlian vai até lá pra ver o que aconteceu quando constata que sua amiga/irmã havia sido assassinada.

Ao confrontar os guardas aos gritos juntamente com o Senhor, eles negaram a morte de Meshian e afirmaram que Songlian estava louca. Passado um determinado tempo, Songlian acabou enlouquecendo, seja da culpa que carregou por ter delatado a amiga, mesmo na situação de embriaguez, seja por não ter se encaixado naquela família (dis)funcional e no casamento opressor.

Figuras 2, 3 e 4. Casamento da quinta esposa



Fonte: YIMOU, Zhang. (1991)

A conclusão a que se chega é que diante da socialização das mulheres e da definição e atribuição de seus papéis (mãe, reprodutora, frágil, vítima), eis que a violência enquanto modalidade material de controle social e da repressão exercida através de formas “ideacionais” de socialização, melhor dizendo domesticação das mulheres, podemos afirmar seguramente que a violência contra a mulher é um desdobramento da violência patriarcal, que leva ou a submissão ou ao enlouquecimento ou á morte.

Considerações Finais

O caminho percorrido até aqui procurou demonstrar que a violência de gênero, mais especificamente, a violência contra a mulher, decorres da relegitimação das relações do poder patriarcal.

Nesse estudo procuramos compor o problema através da análise de diversos fatores que influenciam diretamente as relações de poder entre gêneros e patriarcalistas no filme Lanternas Vermelhas, produção de Zhang Yimou baseado na obra de Su Tong, Esposas e Concubinas. Eles

acabaram por dividir o mesmo interesse de observar e pensar a sociedade chinesa semifeudal da década de 1920. A análise descrita nesse trabalho demonstrou a criação e definição nos papéis de gênero, as relações de poder e dominação entre homens e mulheres e a relegitimação das ideologias do patriarcado.

Partindo-se do paradigma do gênero e da análise das profundas mudanças que marcaram o campo das relações sociais, principalmente em relação ao direito, mudanças orientadas na redefinição dos papéis exercidos por homens e mulheres dentro da sociedade encontramos a distinção a criação do gênero como social, uma vez que o conceito sexo está ligado à função biológica, concluímos que o direito é masculino, que as regras que impõe as relações sociais são masculinas. A dicotomia masculino/feminino, legitima uma série de outras dicotomias como forte/fraco, ativo/passivo, racional/emotivo e reforça as diferenças do instrumental simbólico que é o gênero.

Ao longo do filme, nota-se que a distribuição de papéis atribuídos às mulheres e aos homens se revela na estrutura social, assim como nos mecanismos de controle, ainda mais quando este se torna um reflexo das aspirações da sociedade e determinação de comportamentos, inclusive nas relações conjugais e familiares.

A criação social dos gêneros se tornou um fator de separação e reforço das diferenças e desigualdades, atribuindo à mulher os papéis de esposa, mãe, organizadora do lar, além do frágil e sentimental e, ao homem, o de provedor, trabalhador destinado ao espaço público, forte, racional.

Na obra cinematográfica presenciamos o gênero como um processo de representação da realidade socialmente construída. Dentro dessa concepção dos papéis do masculino e feminino uma ordem social se instaurou e passou a presidir as relações humanas. Su Tong e Zhang Yimou focaram nas relações decorrentes dentro do casamento onde o marido, chamado de senhor, se relacionava com suas esposas e concubinas e como elas se relacionavam entre si. Geralmente, são marcadamente patriarcais as diferenças existentes entre homens e mulheres são convertidas em desigualdades em detrimento do gênero feminino. Podemos dizer que as sociedades nunca foram igualitárias do ponto de vista do gênero.

Ao longo de todo o trabalho tentamos demonstrar como a violência contra a mulher integra, de forma íntima, a organização social do gênero nas sociedades. Dentro do universo semântico, a palavra violência pode adotar dois níveis de discurso sobre a questão da violência contra a mulher: o discurso erudito e o senso comum. No primeiro quer dizer algo que faz parte do sistema, no segundo dá a ideia de agressão, luta, conflito e isso vem bem detalhado no dia-a-dia das mulheres desse grupo familiar. Vemos as questões da submissão feminina e das tradições como o foco de Yimou em Lanternas Vermelhas. Ao abordar a realidade daquela família, ele mostra como temas que são passados de geração em geração sem questionamento algum transformam em verdadeiro inferno a vida de praticamente todas as pessoas envolvidas.

Diante de todas essas considerações, definimos o campo semântico do conceito de violência contra a mulher, como sendo a expressão das relações de poder entre gêneros, e como forma específica de violência interpessoal perpetrada pelo homem contra a mulher. No filme fica evidente que toda violência praticada, Songlian contra Yan'er, nas crises surgidas entre as esposas ou quando é descoberta a traição da terceira esposa e, fatalmente no seu feminicídio. O esposo demonstra nessas situações que é ele que possui o comando, que legisla e que pune, segundo suas conveniências. Sempre as mulheres estão no domínio do masculino agindo segundo suas vontades e submetidas à sua lei.

É essa violência interpessoal que resulta de uma violência estrutural, que seriam as violências institucional e societária, denominada ainda de violência pessoal sendo esta violência um reforço, uma reprodução da violência estrutural, o arcabouço da problemática da violência de gênero. Essa violência que pressupõe opressão ocorre geralmente dentro das relações intra-familiares como forma de reafirmação, relegitimação do poder do homem e do controle social em razão da delimitação dos papéis sócio-antropológico-culturais atribuídos às mulheres.

Os atos violentos ainda se caracterizam como expressão do patriarcado, eis que conforme visto anteriormente, essas ideologias reforçam e reproduzem as diferenças e as desigualdades entre os gêneros fruto de uma organização social preconceituosa e anti-democrática que não reconhece a mulher como pessoas humana, sujeita de direitos e garantias.

Referências

- AZEVEDO, Maria Amélia de. **Mulheres espancadas**: a violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1985.
- HEILBORN, Maria Luiza. Corpo sexualidade e gênero. In: **Feminino e Masculino**: igualdade e diferença na justiça. DORA. Denise Dourado, (Org). Porto Alegre: Sulina.
- MACHADO, Liliane. A Desigualdade é Vermelha? **Comunicação e Informação**, Goiânia, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/cei.v14i2.22451> Acesso em 26 Fev 2024
- PEREIRA, Rodrigo. Crítica | Lanternas Vermelhas. Plano Crítico. 21 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-lanternas-vermelhas/> Acesso em: 26 Fev 2024
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: **Mulher brasileira é assim**. SAFFIOTI, Heleieth I.B; MUNHOZ-VARGAS, Mônica (Org). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 16, p. 115–136, 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhkl>. Acesso em 24 Fev 2024
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. O estatuto teórico da violência de gênero. In: **Violências em tempo de globalização**. SANTOS, José Vicente Tavares dos. (Org). São Paulo: Hucitec, 1999.
- SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher**: quem mete a colher. São Paulo: Cortez, 1992.
- YIMOU, Zhang. **Lanternas Vermelhas**. Cannes Home Vídeo, S.P, 1991

Recebido em 7 e novembro de 2025
Aceito em 6 de janeiro de 2026